COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION

Professor: Gisele T. Della Cruz Disciplina: História

Nome: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Data: \_\_/\_\_/24

Turma: 1ª série \_\_\_\_\_\_\_\_ Ensino Médio

**Tema: Maomé, o pai do Islã**

*Isabelle Somma – Revista aventuras na história*

Ele viveu a maior parte da vida como um mercador analfabeto que, como tantos outros, conduzia caravanas pelos desertos da Arábia, no século 6. Aos 40 anos de idade, porém, tornou-se o profeta de uma religião revolucionária que em menos de 200 anos dominaria metade do mundo

Na época em que Maomé nasceu, lá pelo ano de 570, a vida na Península Árabe não era nada fácil. A comida andava escassa e, ao lado da criação de cabras, da pouca agricultura e do comércio, os saques eram a forma mais comum de consegui-la. Nessa terra sem lei, onde o roubo de tão corriqueiro não era punido, as contendas mais sérias acabavam resolvidas na base do olho por olho e do dente por dente. Quem matava, morria. Se o criminoso não fosse encontrado, um parente dele perdia o pescoço. Desprovidas de direitos ou de poder para competir nesse mundo violento, as mulheres sofriam ainda mais. Aquelas que escapavam do infanticídio eram entregues em casamento ainda crianças. Com os homens vivendo e morrendo nos intermináveis conflitos tribais, aceitar o papel de concubina em troca de comida e proteção era, para as mulheres, uma forma legítima de sobreviver.

Limitados ao norte pelos bizantinos e ao leste pelos persas, esses homens e mulheres nômades de origem semita conhecidos como árabes jamais haviam constituído uma nação unificada, nunca foram além das diferenças tribais, nem superaram rixas regionais para enfrentarem invasores ou vizinhos poderosos como sumérios e egípcios, que ocuparam a região ao longo de mais de 3 mil anos. “Exceto por algumas cidades e oásis, o clima árido foi sempre um obstáculo ao estabelecimento de sociedades na Península Árabe, com 95% de sua área ocupada por desertos”, diz John Voll, historiador da Universidade de Georgetown, em Washington, Estados Unidos e autor de The History of Islam (“A História do Islã”, inédito em português). “Durante séculos os árabes viveram do pastoreio e da agricultura incipiente nos poucos lugares onde a seca lhes dava folga. Outra alternativa era levar caravanas através do deserto para comercializar com o Egito, a Mesopotâmia e o Golfo Pérsico e de lá até vale do rio Indo.”

Na época, a sociedade árabe estava dividida em grandes tribos, que por sua vez tinham subdivisões, os clãs. Maomé era da tribo dos coraixitas, os bambambãs da cidade de Meca, onde ele nasceu. Sobre sua infância, sabe-se pouco além de que era órfão de pai e que aos 6 anos perdeu a mãe. Depois de viver com o avô, que morreria pouco depois, passou à tutela do tio paterno, Abu Talib, de quem herdou a profissão: negociante.

Meca era um centro comercial para onde convergiam caravanas vindas da Pérsia e da Síria. Para lá também afluíam peregrinos de toda a região para visitar o templo da Caaba, um local sagrado já naquela época – os árabes tinham vários deuses e objetos de adoração, mas nenhum tão importante como a Pedra Negra de Meca. Os romeiros, ao lado do comércio, eram a principal fonte de riqueza da cidade. “Naquela região e naquela época, Meca era um exemplo único de diversidade cultural. E é bem provável que tal condição tenha influenciado Maomé, que, até por força de sua profissão, certamente tinha contato com cristãos, judeus e persas”, afirma Voll.

“Os primeiros relatos sobre Maomé o descrevem como um sujeito justo e amável, dotado de um agradável senso de humor”, diz o historiador William Graham, da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. “Apesar de ser membro de uma tribo poderosa, Maomé pertencia a um clã com poucos recursos. Chamado de Al Amin, ou ‘o confiável’, aos 25 anos ele tinha fama de bom administrador”, diz Graham. Uma dessas qualidades – ou todas elas – chamou a atenção de Khadija, uma rica viúva dez anos mais velha que ele. O casamento foi vantajoso para ambos. Tanto que durou. Juntos, eles tiveram seis filhos e, ao contrário do que era comum na época, Maomé não teve outras esposas enquanto esteve casado com Khadija.

“A relação dos dois era rara e especial e foi definitiva para a biografia de Maomé”, afirma Voll. Maomé chegou aos 40 anos rico, dono de caravanas, cercado por empregados e parentes. Parecia que uma velhice tranquila se avizinhava. Que nada! Por volta do ano 610, Maomé teve uma epifania, uma revelação mística. E iniciou uma revolução.

**A revelação**

Muhammad Ibn Ishaq, que viveu no século 8, foi um dos primeiros historiadores a fornecer um relato sobre a experiência de Maomé. Segundo Ishaq, durante um passeio pelo deserto, Maomé teria ouvido chamar seu nome. A voz se apresentou como Jibril, o mesmo que na tradição judaico-cristã é o anjo Gabriel. Ao voltar para casa, Maomé tremia. Teria se jogado nos braços da mulher e pedido para que ela o cobrisse, pois sentia frio. Ao contar a ela o ocorrido, Maomé teria dito que achava estar delirando. Ainda de acordo com Ishaq, Khadija levou o marido para conversar com um primo que era cristão e que concluiu que Maomé havia falado com Alá (nome que em árabe significa “Deus”) e recebido dele os primeiros versos do Alcorão, o livro que se tornaria sagrado para seus seguidores.

Relutante, Maomé manteve sua história circunscrita aos amigos mais próximos e parentes por quase dois anos. Finalmente, convencido de que ele era o mensageiro de uma nova fé, Maomé iniciou sua pregação. Ele dizia haver um único deus, Alá, ao qual todos deveriam se submeter (Islam, ou Islã, em árabe significa submissão). “Como os profetas bíblicos, ele foi um reformador que, a partir da crença em um único deus e em nome desse deus, promoveu uma série de transformações sociais”, diz o historiador americano John Esposito, da Universidade de Georgetown, autor de mais de 15 livros sobre a história do Islã. “Ele proibiu o infanticídio, estabeleceu regras para comércio e um código de ética para a guerra”, afirma Esposito.

A mensagem transformadora de Maomé atraiu muita gente, principalmente entre a população mais pobre de Meca: jovens, escravos e homens sem vínculos tribais e peregrinos. Em um mundo onde a morte era considerada o fim de tudo, ele prometia que os fiéis – pobres ou ricos, independentemente de tribos ou clãs – teriam uma vida eterna e gloriosa. Dizia, ainda, que os ricos deveriam distribuir parte de sua riqueza com os pobres e que aqueles que não se importassem com o bem-estar dos outros seriam julgados após a morte. Maomé reconheceu os judeus e cristãos – chamados de “os povos do livro”, mas se lançou contra a adoração de ídolos pagãos. Como boa parte dos revolucionários do mundo antigo (para a cronologia ocidental o século 7 faz parte da Idade Média, mas seguiremos a linha de tempo do mundo muçulmano, que coloca a fase antes do nascimento de Maomé como pré-história), Maomé teve uma inspiração religiosa por trás das mudanças que defendeu. “A religião era o principal – em muitos casos, o único – código de conduta na Antigüidade. Transformá-la, portanto, sempre foi um meio poderoso de atingir mudanças sociais, políticas ou econômicas. De Moisés a Jesus, a proposição de um novo ambiente religioso comumente está ligada à eclosão de processos revolucionários mais amplos”, diz John Voll.

Segundo Marshall Hoddgson, autor do clássico The Venture of Islam (“A Aventura do Islã”, inédito no país), as pregações de Maomé incomodaram os membros da classe dominante, em Meca. Em 616, o líder dos coraixitas proibiu que qualquer membro da tribo fizesse negócios com Maomé. Como eles dominavam quase toda a atividade econômica da cidade, isso era o mesmo que condená-lo à miséria. Além disso, seus amigos e fiéis, chamados muslimuus – ou muçulmanos (“aqueles que se submetem”, em árabe), passaram a ser perseguidos. Alguns biógrafos dizem que o próprio Maomé foi ameaçado. Para piorar, nessa época ele perdeu a esposa Khadija e o tio Abu Talib, seu protetor, que ainda era influente entre os coraixitas. Maomé decidiu abandonar Meca. Em 622, ele e seus amigos foram para Yathreb, um oásis de agricultores a 300 quilômetros de Meca, mais tarde rebatizado de Medina.

**A viagem**

A saída de Meca, porém, não acalmou os ânimos entre os líderes da cidade e os seguidores de Maomé. Pelo contrário. Os muçulmanos passaram a atacar as caravanas de Meca. Em 624, eles emboscaram e venceram o exército de Meca em Uhud. No ano seguinte, foram derrotados em Badr e perderam centenas de homens. Em quase uma década, os conflitos foram comuns, até que em 630, depois de resistir durante dois meses à ofensiva inimiga em Medina, Maomé liderou 3 mil guerreiros num decisivo contra-ataque e tomou Meca quase sem combates.

Segundo Timothy Winter, professor da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, Maomé foi tolerante com o povo de Meca. “Ele não perseguiu cristãos nem judeus, permitindo que continuassem a praticar seus ritos. No entanto, destruiu os ídolos que eram adorados na Caaba”, diz.

Diferentemente de outros religiosos que defenderam reformas radicais na sociedade em que viviam, Maomé chegou ao poder e teve a oportunidade de realizar tais transformações. “Ele estabeleceu reformas no interior das famílias e tribos, dando às mulheres, crianças e jovens direitos sociais. Os pobres foram beneficiados com a instituição do zakat, uma taxa recolhida dos mais ricos e distribuída entre eles”, diz o historiador inglês W. Montgomery Watt em Muhammad, Prophet and Statesman (“Maomé, Profeta e Estadista”, inédito no Brasil).

Maomé voltou à Medina, mas não usufruiu da sociedade que acabara de criar: ele morreu em 8 de junho de 632. “Maomé não foi apenas o fundador de uma religião. Foi um revolucionário, que mudou radicalmente as condições de vida de seu povo, trazendo unidade política, melhorias econômicas e justiça social”, afirma William Graham. “Ele tinha grande habilidade política e transformou completamente as condições de vida de seu povo, resgatando-o da violência estéril e da desintegração, dando-lhe nova e orgulhosa identidade”, afirma Karen Armstrong no livro Maomé – Uma Biografia do Profeta (Companhia das Letras).

Em menos de 200 anos, essa “nova e orgulhosa identidade” dos seguidores do Islã se espalhou do Himalaia à Europa, fundindo-se à cultura dos povos que conquistou. Logo, a sociedade árabe se tornaria a mais desenvolvida de seu tempo, esmerada nas artes, na tecnologia, na arquitetura, na matemática e na navegação. Uma verdadeira revolução, cujas repercussões influenciam boa parte do mundo, até hoje.

**A pedra que veio do céu**

**A peregrinação ao santuário da Caaba é um dos pilares do Islã**

O santuário da Caaba, em Meca, virou centro de peregrinação na Antigüidade graças à Pedra Negra. Não se sabe exatamente quem construiu um santuário em torno dela, mas é certo que, na época de Maomé, as peregrinações para lá já aconteciam. Os nômades pré-islâmicos eram politeístas e adoravam cerca de 360 deuses diferentes. “A Caaba era tão importante no tempo de Maomé, que era considerada um centro sagrado de tempos imemoriais”, afirma William Graham, da Universidade de Harvard. “A tradição islâmica a conecta com Abraão, mas há quem também a relacione a Adão.” Segundo os muçulmanos, a pedra teria sido dada por Alá ao primeiro homem, Adão. Ela era clara, quase branca, mas os pecados do mundo a tornaram negra. Os cientistas e historiadores, é claro, têm outra explicação: acreditam que a pedra seja um meteorito, embora nenhum exogeólogo (especialistas em rochas vindas de outros corpos celestes) jamais tenha tido a chance de estudá-la. Ainda segundo a crença muçulmana, o santuário em torno da pedra negra teria sido construído por Abraão, considerado o pai das religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islamismo. “A Caaba é identificada na tradição religiosa com Abraão. Dessa forma, rezar em direção a ela é uma forma de enfatizar essa conexão com um deus único”, afirma o historiador John Voll, da Universidade de Georgetown. A Caaba lembra uma caixa, tem formato cúbico e cerca de 15 metros de altura. Dentro está guardada a pedra sagrada. Segundo a historiadora britânica Karen Armstrong, a antiga prática de dar sete voltas em torno da Caaba também já existia antes do islamismo e foi incorporada pela nova religião. “Hoje, a peregrinação ao santuário se transformou em um dos cinco pilares do Islã e é considerada obrigatória, pelo menos uma vez na vida, para todo muçulmano que tiver condições físicas e econômicas”, diz a historiadora inglesa.

Terça-feira, 29/04/2014, às 14:00, por Sérgio Nogueira

**Palavras de origem árabe**

A presença islâmica no território português ao longo da história originou mais de 600 palavras e expressões, especialmente nas áreas do vestuário, mobiliário, agricultura, instrumentos científicos e utensílios diversos.

**Algema**
Veio do árabe al-jama’a, pulseira. Um bom argumento para quem insiste em permanecer solteiro: em espanhol, esposa é mulher casada; esposas (no plural) e esposar significam respectivamente algemas e algemar.

**Algodão**
Veio do árabe al-qutun, que também originou algodón, em espanhol. A palavra árabe se separou do artigo al, e qutun deu no italiano cotone, que foi parar no francês coton, no inglês cotton e no português cotão, aquela bolinha de poeira parecida com um algodãozinho nojento. A língua portuguesa tem palavras, referentes ao algodão, formadas ora com algo(d), ora com coton(i). Uma fábrica de tecidos de algodão pode ser chamada de algodoaria ou cotonifício.

**Cacareco**É mais usado no plural, cacarecos, e significa coisa velha, de pouco valor. A palavra cacareco foi formada de duas outras, ambas com o sentido de objeto sem valor: cacaréu e tareco. Cacaréu veio de caco + -aréu, terminação que significa aumento, coleção (como em fogaréu, mundaréu, sinônimo de mundão, grande quantidade de alguma coisa). Tareco veio do árabe tarayk (coisa de pouco valor) e popularmente virou treco.

**Fulano**
Veio do árabe fulan, alguém.  Beltrano veio de Beltrão que mudou o final para rimar com Fulano (em espanhol, Beltrão é Beltrano). Sicrano tem origem desconhecida.

**Mesquinho**Veio do árabe miskin, infeliz, desgraçado.

**Sucata**
Veio do árabe suqata, objeto sem valor. No princípio, sucata era apenas qualquer peça de metal inutilizada pelo uso ou enferrujada, sendo refundida para novamente ser utilizada. Depois o sentido se ampliou para o de ferro-velho e, mais ainda, para o de conjunto de coisas imprestáveis, de qualquer material.

**Tabefe**
Veio do árabe tabih, cozido. Tabefe era apenas um doce feito de leite, açúcar e ovos. Virou sinônimo de bofetada porque a farinha de trigo, que entra no cozimento do leite com o açúcar, é batida com a mão aberta.

**Zero**A palavra árabe çifr, vazio, zero, veio do sânscrito ûnya, vazio. Os árabes adotaram a noção do zero, criada pelos indianos por volta de 600 a.C. O árabe çifr passou pelo latim medieval (cifra) e originou o português cifra e o italiano zefiro, nome criado, no século XIII, a partir do latim zephiru, pelo sábio italiano Leonardo Fibonacci, que introduziu os algarismos arábicos na Europa. Zefiro depois foi reduzido a zero, provavelmente porque a palavra aparecesse escrita abreviadamente assim: zero.

FONTE: http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/palavras-de-origem-arabe.html